

sinopse Casada com um multimilionário nova-iorquino, Jasmine Francis sempre se habituou aos maiores luxos que a vida lhe poderia proporcionar. Porém, quando o marido se apaixona por outra mulher e lhe pede o divórcio, tudo aquilo em que ela sempre acreditou perde o sentido. Agora, sem dinheiro e sem nenhum outro lugar para onde ir, muda-se para São Francisco e vai viver para o modesto apartamento de Ginger, a irmã, com quem sempre manteve uma relação distante. É assim que, deprimida e totalmente desenquadrada, Jasmine vai tentando recompor a sua vida, passo a passo. E, ao mesmo tempo que reformula a sua relação com Ginger, vai-se esforçando por encontrar um novo sentido para a sua vida e fazer daquele lugar o seu novo lar.

Escrito e realizado por Woody Allen, um filme dramático que conta com a participação de Cate Blanchett, Alec Baldwin, Sally Hawkins e Peter Sarsgaard, entre outros.

Título original: Blue Jasmine (EUA, 2013, 98 min.)

Realização e Argumento: Woody Allen

Interpretação: Cate Blanchett, Alec Baldwin, Sally Hawkins

Produção: Letty Aronson, Stephen Tenenbaum, Edward Walson

Fotografia: Javier Aguirresarobe

Montagem: Alisa Lepselter

Estreia: 12 de Setembro de 2013

Distribuição: Pris Audiovisuais

Classificação: M/12



Woody Allen "made in USA"

João Lopes, Cinemax

Depois de um longo "exílio" europeu, Woody Allen está de volta ao seu país, com "Blue Jasmine", uma recriação moderna de "Um Eléctrico Chamado Desejo". Com uma fabulosa Cate Blanchett.

Há quanto tempo não víamos (e ouvíamos) o Woody Allen americano?...

A pergunta justifica-se, antes do mais, por uma razão eminentemente objectiva: afinal de contas, desde "Match Point" (2005), e com a excepção de "Tudo Pode Dar Certo" (2009), ele tem sido um cineasta... europeu, encontrando no nosso continente os cenários, e também as condições financeiras, para prosseguir o seu trabalho.

O certo é que há na sua criatividade made in USA algo, um misto de verosimilhança e fantasia, que não tem equivalente quando ele sai do seu país. "Blue Jasmine" aí está como prova exuberante disso mesmo: um filme que encena o trajecto atribulado de uma mulher afectada pela descoberta dos golpes financeiros do marido, ao mesmo tempo desenhando uma espécie de fábula cáustica sobre estes nossos tempos de gente "famosa" e ilusões adjacentes...

A matriz de onde parte Woody Allen é "Um Eléctrico Chamado Desejo", de Tennessee Williams (peça estreada em 1947 e filmada, por Elia Kazan, em 1951). Tal como a Blanche DuBois do "Eléctrico", a Jasmine do filme é uma personagem que luta contra a sua perda de estatuto social, nesse processo, à força de vodka e Xanax, acabando por alienar a verdade mais funda da sua identidade.

Há muito tempo, de facto, que não descobríamos um Woody Allen tão incisivo em relação ao seu/nosso presente e, convém não esquecer, tão brilhante na escolha e direcção de actores, sendo inevitável destacar o génio da composição de Cate Blanchett na personagem de Jasmine — digamos, para simplificar, que se nos dissessem que o próximo Oscar de melhor actriz já lhe pertencia... Enfim, fiquemo-nos pela certeza de que será um escândalo se ela não for nomeada.

Woody e os 99 por cento

Jorge Mourinha, Público de 12 de Setembro de 2013

Uma interpretação de estadão de Cate Blanchett numa história ancorada na crise económica resulta num dos mais intrigantes filmes recentes de Woody Allen.

"Blue Jasmine" é o objecto mais intrigante que Woody Allen dirigiu nos quase dez anos que decorreram desde "Match Point" (2005). Não estamos a chamar-lhe "o melhor", atenção; apenas "o mais intrigante".

"Blue Jasmine" ejecta por completo a bonomia das "excursões turísticas" "Vicky Cristina Barcelona" (2008), "Meia-Noite em Paris" (2011) e "Para Roma com Amor" (2012); partilha o negrume existencial de "O Sonho de Cassandra" (2007) ou "Vais Conhecer o Homem dos Teus Sonhos" (2010), mas fá-lo dentro das coordenadas semi-sarcásticas de "Tudo Pode Dar Certo" (2009). É, dir-se-ia, uma espécie de "sumário" do Allen contemporâneo: um filme desencantado e amargo sobre uma vencida da vida que se recusa a enfrentar a realidade, num jogo literário que muitos observadores têm considerado ser uma referência ao "Eléctrico Chamado Desejo" de Tennessee Williams - tal como Blanche Dubois, também a Jasmine que dá título ao filme (de seu verdadeiro nome Jeannette) depende da "kindness of strangers" (embora a desbarate muito mais depressa).



Mas há duas razões para "Blue Jasmine" se elevar acima dessa soma de referências: uma chama-se "crise económica" e a outra Cate Blanchett. De algum modo, "Blue Jasmine" é o "filme Occupy" de Allen, com a sua heroína a ser uma "tia" de Park Avenue cujo marido se revela ser um vigarista à Bernie Madoff, vivendo à grande e à francesa com o dinheiro dos outros. Jasmine é um membro do "um por cento" cuja perda brutal de status social a leva a ter de regressar aos "99 por cento" onde começou a vida, mudando-se para São Francisco para morar com a meia-irmã caixa de mercearia e procurar emprego. A ideia de desenhar o retrato de uma tia perdida entre o povo não é, admissivelmente, coisa nova nem inspirada, mas a introdução de um comentário "social" é coisa invulgar no cinema do nova-iorquino - e é aqui que entra Cate Blanchett, que insufla em Jasmine toda a personalidade de uma mulher que se deixou seduzir pelos confortos do mundo e torna o "boneco" da tia perdida entre o povo numa pessoa de corpo inteiro. É uma performance atenta e vibrante, toda em nuances, que nunca escamoteia o lado desagradável, egoísta, absorvido de Jasmine mas também não evita o seu lado humano, emprestando-lhe uma complexidade que não encontramos nas outras personagens (apesar dos bons esforços de Sally Hawkins ou Bobby Cannavale, por exemplo), e confirmando como Allen continua a ser capaz de arrancar interpretações de estadão. Não é, repetimos, o "melhor Allen" desde Match Point - dramaturgicamente, sente-se às vezes que o cineasta continua encostado à bananeira e mantém a fórmula a carburar sem esforço, o que até se percebe vindo de alguém que já nada tem a provar. Mas, enquanto carta razoavelmente fora do baralho sobreposta a essa fórmula, é um dos mais interessantes.